



MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO PORTO-MOZENSE/PA

Jéssica Ferreira de Castro ¹
Márcio Douglas Brito Amaral ²
José Antônio Herrera ³

RESUMO

A cidade de Porto de Moz, localizada no Baixo Xingu, representa um exemplo significativo das dinâmicas de formação das pequenas cidades ribeirinhas da Amazônia. A cidade está profundamente ligada aos rios e as florestas, elementos estruturantes da vida social e econômica. O objetivo dessa pesquisa é analisar as mudanças e permanências da formação da cidade de Porto de Moz, considerando os fatores históricos, socioeconômicos e ambientais que moldam sua dinâmica como cidade ribeirinha da Amazônia. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e trabalho de campo. Os resultados indicam que Porto de Moz passou por diferentes ciclos econômicos que transformaram seu espaço, o auge da borracha impulsionou a integração comercial, o ciclo madeireiro introduziu novas formas de exploração e conflitos territoriais, e a criação da Reserva Extrativista Verde para Sempre consolidou uma lógica de uso sustentável dos recursos naturais. Apesar das mudanças econômicas, sociais e espaciais, permanecem as relações simbólicas e materiais com os rios e a floresta, que continuam a orientar os modos de vida, o trabalho e a identidade da população local. Assim, a formação de Porto de Moz revela uma cidade marcada pela coexistência entre tradição e modernidade, na qual o espaço urbano reflete a sobreposição de tempos e práticas características da urbanodiversidade amazônica.

Palavras-chave: Porto de Moz, Amazônia, mudanças, permanências, urbanodiversidade.

ABSTRACT

The city of Porto de Moz, located in the Lower Xingu region, represents a significant example of the dynamics of formation of small Amazonian riverside towns. The city is deeply connected to the rivers and the forest, structural elements of its social and economic life. The objective of this research is to analyze the changes and continuities in the formation of Porto de Moz, considering the historical, socioeconomic, and environmental factors that shape its dynamics as an Amazonian riverside city. The methodology adopted was based on a qualitative approach supported by bibliographic review, document analysis, and fieldwork. The results indicate that Porto de Moz has undergone different economic cycles that have transformed its space: the rubber boom promoted commercial integration, the timber cycle introduced new forms of exploitation and territorial conflicts, and the creation of the Verde para Sempre Extractive Reserve consolidated a logic of sustainable use of natural resources. Despite economic, social, and spatial changes, symbolic and material relations with the rivers and the forest remain, continuing to guide the local population's ways of life, work, and identity. Thus, the formation of Porto de Moz reveals a city marked by the coexistence between tradition and modernity, in which the urban space reflects the overlapping of times and practices characteristic of Amazonian urban diversity.

Keywords: Porto de Moz, Amazon, changes, continuities, urban diversity.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Pará – PPGE/UFGA, jessica.castro@altamira.ufpa.br;

² Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo- Professor adjunto da Universidade Federal do Pará- UFGA, e ao Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGE, marcioamaral@ufpa.br;

³ Doutor em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Campinas- Professor associado II da Universidade Federal do Pará, vinculado a Faculdade de Geografia e ao Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGE/UFGA, herrera@ufpa.br;



INTRODUÇÃO

As pequenas cidades ribeirinhas da Amazônia apresentam formas de organização diferentes, marcadas pela relação direta com os rios e as florestas, refletindo modos de vida, práticas econômicas e culturais (Trindade Jr.; Tavares, 2008).

A cidade de Porto de Moz/PA localizada no Baixo Xingu, é um exemplo significativo dessa dinâmica. Sua formação remonta às missões religiosas dos séculos XVI e XVII, quando expedições portuguesas deixavam grupos responsáveis pela catequização dos povos indígenas, como os Juruna, Pena, Mundurucu e Açurini (Coudreau, 1977).

Nesse sentido, essas missões contribuíram para o surgimento de aldeamentos como Maturu, atual Porto de Moz, que se tornou ponto estratégico de parada do Rio Xingu. A partir daí, a cidade passou por diversos processos históricos que moldaram seu espaço urbano. Ao longo do tempo, Porto de Moz refletiu as influências das políticas pombalinas, do extrativismo da borracha, madeira e das manifestações religiosas, evidenciadas na construção da Igreja Matriz, símbolo da presença dos Capuchos de São José no território porto-mozense (Pinto, 2017).

Assim se inicia a história da formação dos diferentes subespaços no Baixo Xingu, sobretudo Porto de Moz (Gonçalves, 2011). A sede administrativa do município passou por diferentes momentos até alcançar sua emancipação, a principal tentativa da política pombalina na época, era fortalecer a identidade das populações indígenas para com o Estado português, e fazer com que os povos indígenas defendessem os interesses portugueses como seus (Gonçalves, 2011).

Dessa forma, mesmo com as transformações impostas por diferentes ciclos econômicos, Porto de Moz mantém características da “urbanodiversidade”, revelando práticas cotidianas ancoradas em tempos e lógicas próprias da região. Nisso, a sua configuração territorial atual, expressa as marcas da relação histórica entre os sujeitos e os elementos naturais, como os rios e as florestas, fundamentais para a subsistência, mobilidade e identidade cultural local. A cidade apresenta particularidades e temporalidades diferentes de outras cidades, principalmente por estar localizada em uma região em que a vivência e sobrevivência das cidades amazônicas se dá a favor dos rios e das florestas.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças e permanências da formação de Porto de Moz, considerando os fatores históricos, socioeconômicos e ambientais que moldam



sua dinâmica como cidade ribeirinha da Amazônia. Essa pesquisa está estruturada a partir da introdução com elementos acerca do tema, referencial teórico com a abordagem dos principais autores que se debruçam em estudar as pequenas cidades ribeirinhas da Amazônia, bem como os aspectos econômicos evidenciados na região amazônica, resultados e discussões com os principais resultados obtidos da pesquisa realizada e as considerações finais.

METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará. Os procedimentos metodológicos se baseiam em uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica, análise documental e trabalho de campo, elementos fundamentais para a construção da pesquisa científica.

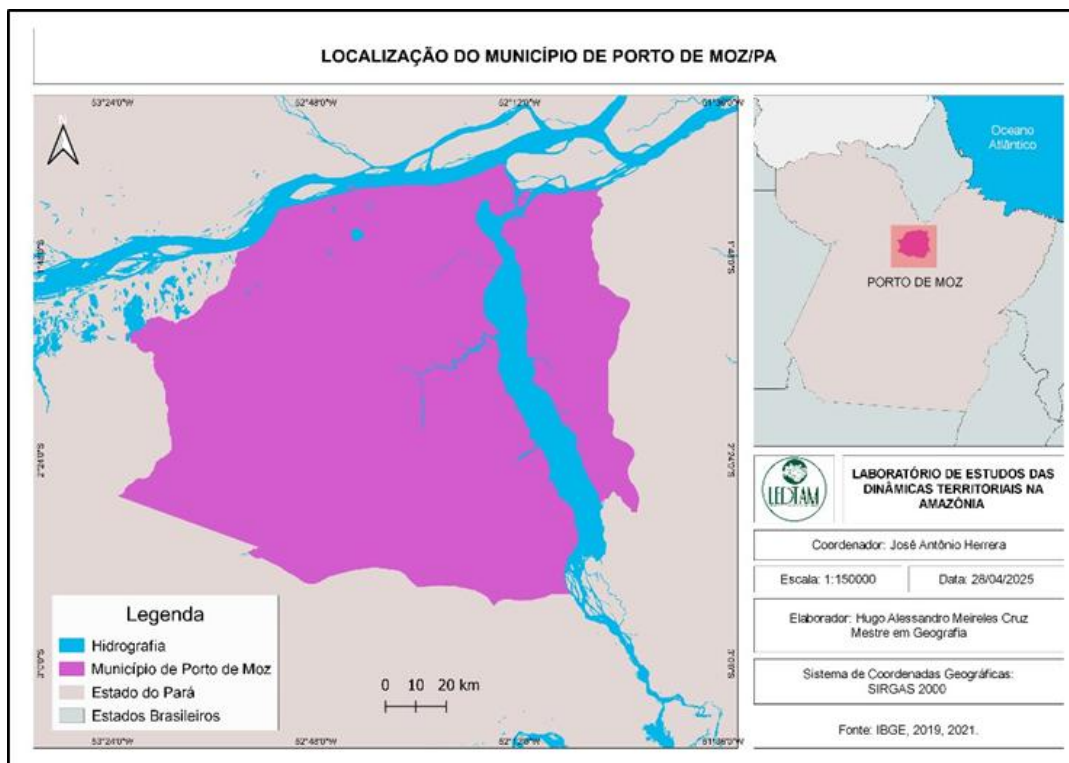
O objeto de estudo dessa pesquisa é o município de Porto de Moz, que faz parte da Região de Integração do Xingu (RIX)⁴, Porto de Moz⁵ é caracterizado por uma extensa rede fluvial e é cortado pelo Rio Xingu (mapa 01).

⁴ A Região de Integração do Xingu (RIX), é composta por 10 municípios (Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Pacajá, Placas, Porto de Moz, Senador José Porfírio, Uruará e Vitória do Xingu). A formação do território teve início com as missões de Jesuítas, no século XVIII, quando foi criado o município de Souzel, origem dos municípios de Senador José Porfírio, Porto de Moz, Altamira, e, mais recentemente, a Vitória do Xingu (PLANO PLURIANUAL, 2023).

⁵ Pode-se chegar ao município de Porto de Moz através de transporte fluvial e aéreo (Moreira, 2004).



Mapa 01: Localização do Município de Porto de Moz, Pará.



Fonte: Cruz (2025).

A cidade de Porto de Moz possui uma área de 17.423,017 km², aproximadamente 15% do território é composto por áreas de várzeas e o restante de terra firme (Salgado, Kaimowitz, 2003). Nisso, 75% do território é destinado à Reserva Extrativista Verde Para Sempre (IBGE, 2023). A Reserva Extrativista Verde Para Sempre foi criada em 8 de novembro de 2004 e está entre as maiores Unidades de Conservação do Brasil (UC), ocupando uma área de 1.288.717 ha (um milhão, duzentos e oitenta e oito mil e setecentos e dezessete hectares). Localiza-se no município de Porto de Moz, entre o Rio Xingu e o Rio Amazonas.

Desse modo, a revisão bibliográfica abrangeu autores que discutem a urbanização na Amazônia, como Trindade Jr. (2008) e Tavares (2008), além de reflexões sobre a formação das cidades ribeirinhas e os processos históricos de ocupação da região amazônica. A análise documental baseou-se em fontes institucionais, como o IBGE e a EMBRAPA, que forneceram dados sobre população, extensão territorial e socioeconômica do município. O trabalho de campo possibilitou a observação direta da estrutura urbana, da organização socioespacial e dos modos de vida característicos da população ribeirinha.

Assim, a articulação entre essas etapas metodológicas foram fundamentais para identificar os elementos de continuidade e transformação da cidade de Porto de Moz, revelando



as condicionantes naturais, sociais e econômicas que moldam a dinâmica das cidades ribeirinhas na Amazônia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Santos (1996) oferece uma chave interpretativa essencial ao propor o conceito de espaço como produto das relações sociais e das temporalidades entrecruzadas, as chamadas rugosidades do espaço, heranças materiais, práticas e representações de tempos anteriores, estes tornam-se persistentes no presente e condicionam as formas de incorporação de inovações e rupturas. Assim, essa perspectiva é particularmente útil para compreender as cidades ribeirinhas amazônicas, onde as transformações impostas por ciclos econômicos (borracha, madeira, extrativismo) não eliminam, mas reconfiguram estruturas pré-existentes. Dessa forma, a noção de rugosidades permite, portanto, pensar as mudanças e permanências como dimensões complementares do processo de produção espacial.

Nesse contexto, Trindade Jr. (2008) e Tavares (2008) aprofundam essa leitura ao enfatizar a heterogeneidade da urbanização amazônica, um fenômeno marcado pela sobreposição de lógicas rurais e urbanas e pelo predomínio de formas de vida que se articulam diretamente com os recursos da floresta. A urbanodiversidade (Trindade Jr., 2008) sintetiza essa condição: as cidades amazônicas comportam múltiplas temporalidades, modos de apropriação do espaço e arranjos socioeconômicos que desafiam categorias urbanas convencionais. Na cidade de Porto de Moz, essa urbanodiversidade se manifesta na centralidade do rio como eixo de circulação, nos mercados fluviais, nas feiras e nas práticas produtivas que articulam subsistência e comercialização.

Dessa forma, alguns autores que debruçam seus estudos em processos regionais e locais na Amazônia, como Gonçalves (2011), Cornélio (2021), Trindade Jr., Tavares 2008 e entre outros, reforçam a importância dos elementos naturais, como os rios e as florestas, como condicionantes espaciais e identitários. Para esses autores, o rio não é apenas meio de transporte, são elementos simbólicos e estruturam fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e que organizam a sociabilidade e as práticas econômicas. Desse modo, essa leitura nos permite entender por que, mesmo após intensos ciclos de exploração (madeireiro, por exemplo), persistem modalidades tradicionais de uso da floresta e formas coletivas de reprodução econômica em cidades amazônicas.



A literatura sobre circuitos econômicos e territorialidade também contribui para a construção da pesquisa. A teoria dos circuitos (Satos, 1978), entendida como a articulação entre produção, circulação e consumo em contextos territoriais específicos, auxilia a identificar como diferentes ciclos econômicos reestruturam redes de relações e hierarquias espaciais nas cidades.

Em Porto de Moz, o ciclo da borracha impulsionou inserções comerciais externas; o ciclo madeireiro introduziu agentes econômicos de maior capital e novas relações de trabalho; e a criação da Reserva Extrativista Verde Para Sempre (RESEX) representa uma reconfiguração do circuito cuja ênfase desloca-se para modalidades de uso sustentável e governança comunitária. A teoria dos circuitos evidencia a alternância entre os processos de incorporação ao mercado e estratégias locais de resistência e regulação no uso dos recursos naturais.

A perspectiva da ecologia política fornece nuances importantes ao discutir conflitos socioambientais associados ao uso da floresta e à disputa por territórios. Os trabalhos que investigam a extração de madeira, a presença de indústrias e os movimentos sociais na Amazônia (Salgado; Kaimowitz; estudos locais de campo) mostram como políticas, capital e mobilizações sociais interagem na produção de desigualdades espaciais e na definição de quem pode usar que recursos e em que condições. Essas dinâmicas são fundamentais para entender os conflitos ocorridos entre madeireiros e ribeirinhos e a subsequente mobilização em torno da criação da RESEX, evento que articula demandas por justiça ambiental e por formas alternativas de desenvolvimento.

Por fim, em Porto de Moz, a persistência da centralidade fluvial e da relação simbólica com a floresta não se opõe às mudanças, ao contrário, constitui-se como elemento que orienta a forma como mudanças são incorporadas. Ao articular essas contribuições teóricas, as observações e dados coletados nos permite interpretar os fenômenos observados como expressões de um processo complexo de produção do espaço, no qual mudanças econômicas, políticas e tecnológicas se combinam com continuidades ambientais, sociais e culturais.

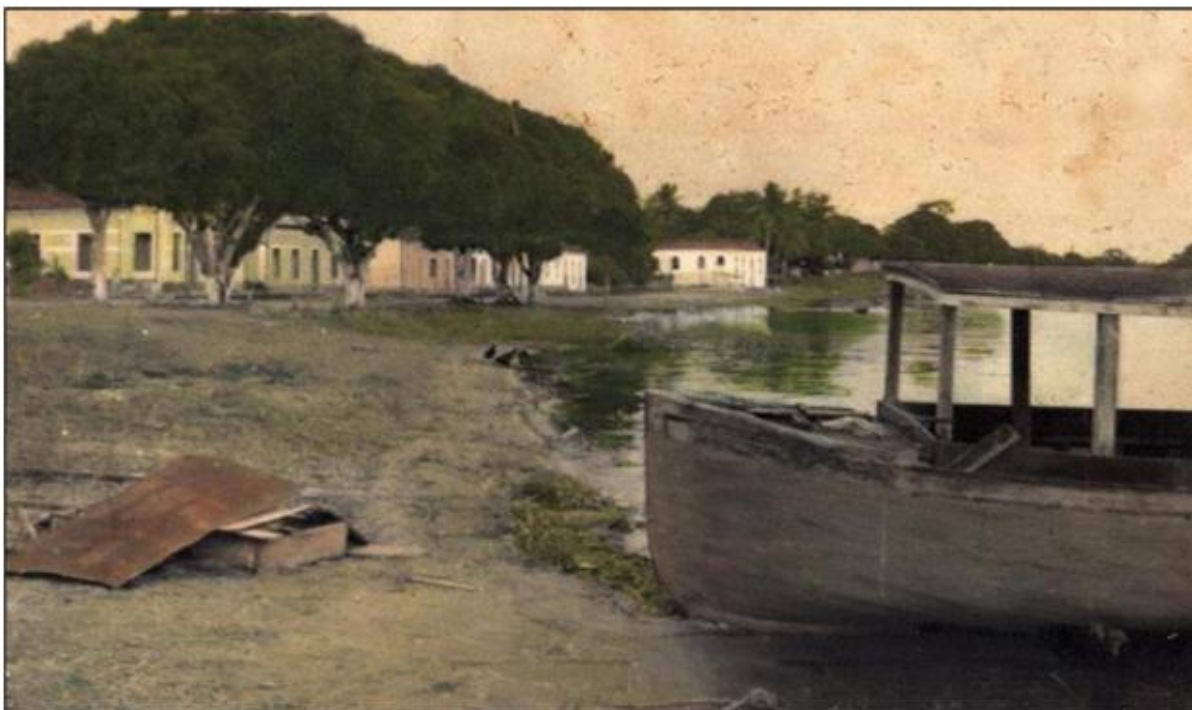
Nisso, essa articulação sustenta a hipótese central da pesquisa de que Porto de Moz é um espaço híbrido, marcado pela sobreposição de tempos e práticas em que as transformações não apagam as raízes ribeirinhas, mas as reinscrevem sob novas condições. A próxima seção desta pesquisa, permite apresentar os resultados que evidenciam essa convivência entre mudança e permanência de uma pequena cidade ribeirinha da Amazônia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ocupação do território de Porto de Moz ocorreu a partir das missões religiosas no Baixo Xingu sob a invocação de São Brás por Pedro Teixeira, em cada parte do território era deixado um determinado grupo para catequizar os povos indígenas que habitavam a região em meados dos séculos XVI e XVII. Assim, as principais tribos que habitavam a região eram as tribos indígenas Sumas, Kaiapó e Toras (Pinto, 2017).

A cidade de Porto de Moz era inicialmente conhecido como *Aldeamento dos Índios Maturú*⁶, foi ocupado pelos holandeses em 1623 (Pinto, 2017), porém, em 1639, os Capuchinhos da Congregação de São José foram os responsáveis por originar o município de Porto de Moz (EMBRAPA, 2010). A origem e formação de Porto de Moz são marcadas pela presença da Igreja Católica, pois a igreja exercia grande influência no território. Através dessa perspectiva, grandes templos religiosos foram criados durante as missões no Baixo Xingu, marcando a história e a trajetória das cidades ribeirinhas. Assim, a figura 01 busca mostrar a antiga vila de Porto de Moz, antes de ser elevada a categoria de cidade.

Figura 01: Frente da Vila Porto de Moz em 1970, avenida 19 de novembro.



Fonte: Acervo Pessoal Edilson Cardoso, ex-prefeito de Porto de Moz, (2018).

⁶ A vila de Porto de Moz foi criada através da política Pombalina no Estado de Grão-Pará e Maranhão pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado (Arnaud, 2019).



A economia na região amazônica foi marcada pelo período *boom* da borracha em diferentes cidades, em Porto de Moz não foi diferente. A borracha era a principal economia da região, era retirada dos seringais da Amazônia e exportada principalmente para a Europa e Estados Unidos, em que estes provocaram grandes impactos econômicos no Estado do Pará e Amazonas, além das cidades interioranas (Castro, 2024). Para isso, destacaremos algumas fases importantes que auxiliaram na formação da cidade de Porto de Moz.

1. O primeiro momento foi sua ocupação posterior, em meados de 1800 até o início de 1900, relacionada principalmente a economia da borracha e drogas do sertão. Porto de Moz desenvolvia o papel de uma pequena vila que servia de base logística para as atividades das drogas do sertão e a exploração da borracha (Pinto, 2017), bem como ponto de apoio para a igreja católica durante as missões religiosas no Baixo Xingu.
2. O segundo momento refere-se a meados de 1910, momento em que a cidade passa a viver um período de decadência da borracha, em que muitos comerciantes deixam a cidade em busca de novas oportunidades em outros lugares, de 1910 até 1980 chega na cidade padres e irmãs para auxiliar no trabalho pastoral após a construção da igreja Matriz.
3. O terceiro momento ocorre de 1980 a 1990, em 1980 chega a Porto de Moz a família Campos, estes são os primeiros a montar uma serraria no município, o que já era comum em outros municípios do Pará. Durante esse período é que ocorre o auge de uma nova economia na região. Após a decadência da borracha, a indústria madeireira passa a ser a nova atividade econômica do município.
4. O quarto momento em meados de 2004, a cidade passa por um momento de luta e resistência social com a criação da Reserva Extrativista Verde Para Sempre, a Resex passa a ocupar 75% do território municipal, fruto de luta e resistências por parte de populações tradicionais e movimentos locais, que lutavam pela criação de uma Reserva consciente na utilização dos recursos naturais, principalmente a madeira.

Cada fase demonstra a capacidade de adaptação da população frente às mudanças econômicas e políticas, evidenciando as permanências simbólicas, como a centralidade dos rios e da floresta na vida cotidiana. Assim, os rios e as florestas da Amazônia foram os elementos fundamentais para ocupar a região. Os rios tinham como função principal vias de deslocamento e as florestas representavam espaços fundamentais para o desenvolvimento de atividades extrativistas, subsistências e fins econômicos. Essas características fazem parte de diversas



cidades ribeirinhas na Amazônia, as quais têm o “rio como um espaço e um agente natural propulsor do mosaico urbano” (Cornélio, 2021, p. 52).

A cidade de Porto de Moz passou por diferentes fenômenos até alcançar sua emancipação (quadro 01), assim, a partir dos fenômenos como as drogas do sertão, o *boom* da borracha e o ciclo madeireiro ocasionaram diferentes mudanças no espaço porto-mozense, como o crescimento populacional da cidade, expansão e a criação de novos bairros.

Quadro 01: Peridização do município de Porto de Moz.

PERÍODO	FATORES HISTÓRICOS
1623	O Aldeamento dos Índios Maturu foi ocupado pelos holandeses.
1639	Fundação do aldeamento pelos Frades Capuchinhos da Congregação de São José.
1758	Elevado com o nome Vila de Porto de Moz pelo irmão de Marquês de Pombal, presidente da Província do Grão Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado.
1890	Em 19 de novembro de 1890 Porto de Moz foi elevado à categoria de município através do Decreto de n.º 218
1930	Pelo Decreto Estadual de n. 06, de 04 de novembro de 1930, o município foi incorporado ao território do município de Gurupá.
1937	Pelo Decreto Estadual de n. 2.805 de 10 dezembro de 1937 Porto de Moz readquiriu sua autonomia de município.

Fonte: Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará, 1916, IBGE, 2023. Castro, 2023.

A partir desse contexto, é importante ressaltar que a economia da borracha no vale amazônico contribuiu para diferentes realidades no tecido urbano e na configuração da própria Amazônia daquela época, a Amazônia de hoje se encontra totalmente diferente após a ocorrência de inúmeros fenômenos locais. Desse modo, com base nas referências históricas, o espaço de Porto de Moz foi condicionado para atender as necessidades de domínio do território sob os comandos da coroa portuguesa através das missões religiosas pelos padres jesuítas, sendo base e ponto estratégico para a expropriação dos recursos naturais.

Dessa forma, com os fenômenos apresentados, a configuração econômica da cidade de Porto de Moz foi passando por algumas transformações, com intensos potenciais dos recursos hídricos e florestais existentes em sua região, a partir da década de 1980 passou a se intensificar a exploração de madeira em Porto de Moz, onde várias empresas madeireiras chegaram ao município. Nisso, a cidade passou a configurar uma nova economia, a exploração madeireira, em 1996, foi retirado cerca de 397.000 m³ de madeira, sendo apenas 12% beneficiado localmente e 88% saía do município (Salgado, Kaimowitz, 2008). Desse modo, com a intensa



exploração, houve diversos conflitos entre os madeireiros e os ribeirinhos que tinham como principal atividade os produtos não madeireiros como o cipó, a castanha, o açaí, etc.

A instalação de grandes indústrias madeireiras modificou diferentes aspectos econômicos e, principalmente, sociais no espaço urbano da cidade. A tabela a seguir busca evidenciar as principais indústrias que atuavam na cidade de Porto de Moz.

Tabela 1 - Principais indústrias madeireiras em Porto de Moz.

RIOS	EMPRESAS/GRUPOS
<i>Do Rio Guará até o Rio Marituba</i>	Antônio, Everaldo, José Gonçalves e Mundicão.
<i>Do rio Marituba ao rio Peri</i>	Assis (Dono de agropecuária em Altamira).
<i>Rio Acaraí</i>	Djalma Varejão, Ernestino Garcia, INTEL, Pedro, Dete, Lazarini.
<i>Do Rio Acaraí ao igarapé Juçara</i>	Pedro e Família Coimbra.
<i>Rios Una e Alto Rio Jaurucu</i>	Pedro, Nenzinho, COBEM e outros.
<i>Médio Rio Jaurucu</i>	Família Coimbra e Grupo Campos.
<i>Rios Jaurucu e Macapixi</i>	Madeireira Pipoca e Companhia Marajoara-Madenorte.
<i>Rio Inumbi</i>	Grupo Comavel.
<i>Alto Rio Guajará</i>	Madenorte e Grupo Campos.

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Porto de Moz, 2001. Elaboração: Barbosa (2015), adaptado por Castro (2023).

A intensa atividade das grandes madeireiras na cidade, o novo “Eldorado”, de acordo com Pinto (2017), passa a ter uma nova dinâmica econômica, política e social. A exploração madeireira desencadeou um novo ciclo na cidade, devido à instalação de grandes madeireiras no espaço porto-mozense conforme a tabela 1, bem como a necessidade de mão-de-obra proporcionada pelas grandes empresas, porém, a nova atividade comercial trouxe diversos impactos para as comunidades tradicionais:

As firmas passaram a se instalar no interior das comunidades e agenciavam a mão de obra local. Nos anos de 1990, com a chegada de empresas madeireiras com maior capital, deslocadas de áreas devastadas pela sua atuação socioambiental degradante, passou a haver a apropriação das áreas de florestas que circundavam as comunidades camponesas por essas grandes empresas. Os territórios que garantiam a vida do campesinato na floresta, espaço da caça, da coleta de castanha, cipós, frutas, mel, ervas medicinais, do roçado, do pasto, passaram a ser efetivamente ameaçados (Gonçalves, 2011, p. 128).

Assim, o novo comércio da indústria madeireira na cidade de Porto de Moz, desencadeou inúmeros conflitos devido a intensa exploração, isso porque a extração ocorria em áreas em que se localizavam comunidades tradicionais, em que esses utilizavam/utilizam a floresta de forma coletiva como subsistência e sobrevivência.



Nesse contexto, após inúmeros conflitos ocasionados pela intensa atividade predatória da madeira no município, os movimentos sociais e as comunidades tradicionais lutaram pela criação de uma reserva extrativista, na tentativa de proteger os recursos naturais e a quem depende desses recursos para sobreviver, a partir das lutas é decretada a criação da Reserva Extrativista Verde Para Sempre em 08 de novembro de 2004, pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, no município de Porto de Moz, Estado do Pará.

A Reserva Extrativista Verde Para Sempre foi uma grande conquista para os povos tradicionais, uma verdadeira bandeira de luta por parte das comunidades e dos movimentos sociais. As comunidades conseguiram a sonhada área de proteção ambiental e garantiram, ao mesmo tempo, uma fonte de renda e sobrevivência de maneira sustentável para os povos tradicionais.

Assim, as mudanças em Porto de Moz expressam a adaptação do território aos novos imperativos econômicos. Nisso, o ciclo da borracha estimulou o crescimento urbano e a integração ao mercado local, o madeireiro, por sua vez, redefiniu as relações de trabalho e provocou tensões territoriais, já o período posterior à criação da Reserva Extrativista Verde para Sempre inaugura uma nova lógica de utilização dos recursos naturais, marcada pela sustentabilidade e pela autogestão comunitária.

A leitura geográfica das transformações em Porto de Moz revelam que os fenômenos econômicos da borracha, madeira e o extrativismo, não apenas reconfiguraram o espaço urbano e produtivo, mas também reafirmaram as bases ribeirinhas de sua formação. Assim, cada ciclo impôs novas formas de uso e apropriação da natureza, mas manteve a centralidade dos rios e da floresta como condicionantes da vida social e econômica dos povos tradicionais.

Nisso, permanecem, contudo, as marcas de uma economia ancorada no uso direto da natureza e nas relações de vizinhança mediadas pelos rios. A paisagem urbana ainda reflete a organização em torno do porto, das feiras e dos circuitos fluviais de circulação, revelando que o espaço porto-mozense conserva lógicas temporais lentas, próprias das pequenas cidades ribeirinhas da Amazônia (Trindade Jr., 2008).

Porto de Moz passou por mudanças significativas: econômicas (da borracha à madeira e extrativismo sustentável), sociais (luta de movimentos locais), espaciais (expansão urbana) e simbólicas (valorização da identidade local). Por outro lado, permanecem a importância dos



rios como eixos estruturantes, o uso da floresta como base econômica e a relação simbólica entre a população e o meio ambiente.

Essa coexistência entre o tradicional e o moderno expressa o que Santos (1996) denomina de “rugosidades”, ou seja, formas herdadas de períodos anteriores que permanecem e se atualizam no presente. Em Porto de Moz, o velho e o novo coexistem: o motor do barco e a canoa a remo, o comércio local e o atravessador fluvial, a indústria madeireira e o extrativismo comunitário.

Essa sobreposição de tempos caracteriza a urbanodiversidade amazônica (Trindade Jr.; Tavares, 2008), em que o espaço urbano ribeirinho articula múltiplas racionalidades. Assim, Porto de Moz revela-se como um espaço híbrido, onde o novo não apaga o antigo, mas o reinscreve sob novas condições. A cidade resiste, se transforma e reafirma sua identidade ribeirinha, demonstrando que as permanências não são imobilidade, mas expressão de continuidades que dão sentido à vida amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Porto de Moz preserva em seu espaço urbano memórias simbólicas e culturais profundamente ligadas aos saberes tradicionais da região, que permanecem vivas mesmo diante das transformações econômicas e sociais pelas quais a cidade passou ao longo dos anos.

Essas memórias não se restringem apenas a práticas cotidianas ou rituais culturais, mas também se manifestam na organização do espaço urbano, na dinâmica das comunidades ribeirinhas e nas formas de apropriação e uso dos recursos naturais. Nesse sentido, Porto de Moz representa um território em que tradição e modernidade se entrelaçam, mostrando que a história local permanece como referência central para compreender a identidade e a vida econômica da comunidade local.

Nessa perspectiva, durante décadas, a exploração madeireira configurou um período de mudanças significativas, impactando especialmente as comunidades rurais e a forma como estas se relacionavam com a floresta. Esse ciclo econômico impulsionou a economia local e promoveu transformações nos modos de vida, nas relações sociais e nos padrões de organização do trabalho.

No entanto, apesar de gerar riqueza e movimentar o mercado local, a exploração intensiva dos recursos naturais também trouxe desafios, como desequilíbrios sociais, mudanças



nas práticas culturais e aumento da vulnerabilidade ambiental. A partir desse contexto, percebe-se que o território de Porto de Moz não apenas se estruturou economicamente a partir da exploração de recursos, mas também foi moldado por processos de adaptação social e cultural frente às oportunidades e limitações impostas pelo capital.

Dessa forma, com a criação da Reserva Extrativista Verde Para Sempre, houve uma mudança significativa nesse panorama. A reserva introduziu um modelo de desenvolvimento baseado no uso sustentável dos recursos, conciliando necessidades econômicas com a preservação ambiental e, ao mesmo tempo, fortalecendo a identidade cultural das comunidades.

Nesse contexto, esse novo arranjo permitiu que práticas tradicionais, conhecimentos locais e saberes ancestrais fossem reconhecidos e valorizados, constituindo um eixo central para a gestão da reserva. A partir da organização participativa e do engajamento das comunidades na tomada de decisões, observa-se um processo de reestruturação social que reafirma a importância da cooperação comunitária, da solidariedade e da capacidade de resistir às pressões externas que poderiam comprometer o equilíbrio ecológico e a continuidade das tradições locais.

Assim, o reconhecimento e a valorização do conhecimento tradicional funcionam como mecanismos de resistência cultural e social. A luta por direitos territoriais e a promoção da gestão participativa reforçam a capacidade das comunidades de manterem sua autonomia e de consolidarem uma relação harmoniosa com a floresta, evitando a descaracterização de suas práticas econômicas e culturais. Nesse sentido, o espaço urbano e rural de Porto de Moz não é apenas um lugar físico, mas um espaço simbólico em que história, memória, identidade e economia se entrelaçam, dando sentido à vida das comunidades tradicionais.

A cidade de Porto de Moz, portanto, emerge como um exemplo de articulação entre conservação ambiental, valorização cultural e desenvolvimento econômico, mostrando que é possível construir alternativas sustentáveis sem romper com as tradições locais. A experiência da cidade indica que processos de resistência, adaptação e permanência cultural podem servir de referência para outras cidades ribeirinhas da Amazônia, que enfrentam desafios semelhantes na tentativa de equilibrar modernização, preservação e identidade.

Por fim, Porto de Moz demonstra que a compreensão do espaço amazônico requer uma análise integrada, que considere não apenas os aspectos econômicos e ambientais, mas também



a dimensão cultural e social de comunidades e povos tradicionais, evidenciando a complexidade e riqueza das relações que moldam a vida das comunidades locais.

REFERÊNCIAS

CASTRO, J. F. O circuito inferior da economia urbana em uma cidade ribeirinha da Amazônia: uma Análise a partir de Porto de Moz- PA. **(Dissertação de Mestrado)**. Altamira, 2024.

CORNÉLIO, G. S. A relação cidade e rio na Amazônia: Mudanças e permanências em Vitória do Xingu/PA face à construção da UHE Belo Monte. **(Dissertação de Mestrado)**. Altamira, 2021.

COUDREAU, H. Viagem ao Xingu. Belo Horizonte: **Itatiaia**; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

EMBRAPA Amazônia Oriental, Linha do tempo do Baixo Amazonas Paraense: (re) territorialização de um espaço de várzeas / Alfredo Kingo Oyama Homma ... [et al.]. – Belém, 2010.

GONÇALVES, M. R. M. Tensões, Uso E Apropriação Da Terra No Xingu: O Caso Da Resex “Verde para Sempre”, Porto de Moz/PA. **(Dissertação de mestrado)**. Belém. 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/porto-de-moz/panorama> . Acesso em: 16 abril de 2023.

MOREIRA, E. S. Tradição em tempos de modernidade: reprodução social numa comunidade várzea do rio Xingu/PA. **EDUFPA**. Belém. 2004.

PINTO, L. O. M. Porto de Moz, o caminhar histórico de um povo. p. 2-146. 2017.

Plano Plurianual. Disponível em: <https://www.ioepa.com.br> . Acesso em: 16 de abril de 2023.

SANTOS, M. A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. **Hucitec**, São Paulo: 1996a).

SANTOS, M. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos; **tradução Myrna T. Rego Viana**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.



SALGADO, I.; KAIMOWITZ, D. Porto de Moz: O prefeito “Dono do município”. TONI, Fabiano KAIMOWITZ, David (Org.). Municípios e gestão florestal na Amazônia. Natal: **A.S. Editores**, p. 430. 2003.

TRINDADE JR., S. C. C.; TAVARES, M. G. C. (Orgs). Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. **EDUFPA**. Belém. 2008.

TRINDADE JR., S. C. C. *et al* (Orgs.). Pequenas e médias cidades na Amazônia. **ICSA/UFPA** Belém. 2009.